

# ANÁLISE DE REPERTÓRIO ASSERTIVO EM ESTUDANTES DE PSICOLOGIA

ZILDA DEL PRETTE  
ALMIR DEL PRETTE

Tendo como base os modelos respondente e operante na definição de assertividade, os autores desenvolveram e aplicaram um questionário para sondagem de repertório de assertividade com estudantes de Psicologia em quatro situações mais vivenciadas que requeriam emissão de comportamento assertivo. Os dados foram quantificados e analisados. Aspectos relevantes de pesquisa e considerações sobre o ensino da Psicologia são enfatizados.

## 1. Introdução

O comportamento assertivo, caracterizado por Wolpe (1976) como expressão honesta e aberta de sentimento, tem sido na última década exaustivamente estudado. Esses estudos indicaram revisões importantes, como por exemplo com relação aos determinantes da não assertividade. Wolpe apontava a ansiedade como "causa"; já Eisler, Miller e Hersen (1973) e Serber (1972) supõem uma deficiência na aprendizagem do comportamento assertivo. Em outras palavras, para esses autores o indivíduo pode ser não assertivo, na ausência de ansiedade inibidora do comportamento, simplesmente porque não aprendeu a se comportar assertivamente.

É possível, na análise desses estudos, identificar um modelo explicativo respondente e outro operante sobre asserção. Por outro lado, verificam-se também duas ênfases conceituais distintas. A de Wolpe (1976) e Lazarus (1977), que consideram a asserção como expressão de todo sentimento socialmente aceito, emitido com um mínimo de ansiedade, enquanto que McFall (1976) Serber e Laws (1971) indicam componentes básicos para caracterizar uma resposta como assertiva em uma relação interpessoal, de acordo com a situação.

As pesquisas sobre Treinamento Assertivo têm predominantemente se referido a *assessment* e a efetividade das técnicas. Sobre *assessment* foram feitas inúmeras tentativas de validação de questionários de assertividade (Bates e Zimmer-

man, 1974; Galassi e Galassi, 1974; Gambril e Rickey, 1975; Nevid e Rathus, 1979; Hersen e colaboradores, 1979; Law e Wilson, 1979), enquanto que sobre efetividade de técnicas a ênfase tem sido mais em termos comparativos (Eisler e colaboradores, 1976).

A identificação dos determinantes da não assertividade em modelos operante e respondente serviu de base para a elaboração de itens na pesquisa de sondagem de comportamento assertivo em estudantes de Psicologia em uma Universidade do Nordeste. O interesse inicial de tal trabalho prendeu-se à identificação de *déficits* de assertividade em alunos dos estágios iniciais do Curso de Psicologia e à inexistência de referencial de estudo (teórico e prático) dessa área em nossa cultura. Considerou-se importante verificar como se comportam, em termos de assertividade, os alunos que ingressam na Universidade e, posteriormente, verificar seus comportamentos nos estágios finais. Além disso, a utilização de dados de amostras nacionais poderia gerar questões sobre diferenças culturais e regionais de padrões de assertividade, com implicações tanto para a definição do conceito como para a identificação de variáveis relacionadas. A relativa simplicidade do instrumento e a restrição dos objetivos prendem-se à própria natureza exploratória do presente trabalho.

## 2. Método

**2.1 Sujeitos:** Uma amostra de 30 sujeitos, estudantes de uma turma do 1.º ano do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Paraíba. Todos os Ss eram do sexo feminino. A média de idade do grupo era de 21 anos. Os Ss foram convidados a participar da pesquisa como respondentes de um questionário.

**2.2 Instrumento.** O instrumento de coleta de dados foi um questionário (anexo), com questões de múltipla escolha e questões abertas.

**2.3 Procedimento.** De um estudo-piloto inicial através de entrevista e da definição de assertividade foram elaboradas quatro situações que requeriam emissão de comportamento assertivo. As quatro situações representavam ocasião para emissão de comportamentos de: 1) Recusar solicitações; 2) Expressar sentimentos positivos; 3) Discordar, contra-argumentar e defender os próprios direitos; e 4) Afirmer as próprias idéias. Foram feitas aplicações de testagem do instrumento, reformulando-se os itens até a obtenção de um indicativo de sua compreensão pelos respondentes. Considerou-se o instrumento "acabado" quando os respondentes (fase de testagem) não indicavam dificuldade em responder aos itens. Em seguida, estudou-se a versão final em termos do formato e procedeu-se à sua aplicação. A aplicação foi feita por dois estudantes do último período do Curso de Psicologia que, após contato com o professor dos alunos, ocuparam 40 minutos de aula deste. Os alunos que não quiseram participar da pesquisa foram dispensados durante o tempo da aplicação. Aos demais foi dada a explicação de que o questionário fazia parte de uma pesquisa em elaboração. As instruções constantes do instrumento foram lidas e um item extra, semelhante ao primeiro, foi utilizado como exemplo.

## 3. Resultados

Os dados obtidos foram tabulados em termos de frequência de ocorrência das quatro situações apresentadas e grau de incômodo causado ao S em cada situação, avaliado em função de experiência vivida ou provável.

Tabela 1  
Frequência média por S de ocorrência das situações apresentadas sobre o último mês.

Situação	1	2	3	4
Frequência	2,0	2,2	2,1	3,5

A tabela I mostra que a frequência das situações apresentadas no questionário ocorreu, para os Ss da amostra, de 2 a 3 vezes por mês, o que sugere eram elas razoavelmente comuns e, portanto, passíveis de fornecer dados relevantes. A maior frequência da situação 4 pode estar associada a maior oportunidade de interação com familiares e à característica etária da amostra que representa uma população ainda dependente da família em muitos aspectos.

A tabela II mostra que, com exceção da situação 2, que pareceu não causar incômodo aos Ss, 80% dos Ss relataram experimentar grau de ansiedade nas demais situações com respostas nas categorias muito e excessivamente. A situação 2, cujos dados indicam baixo grau de incômodo, representa, na verdade, uma situação onde os antecedentes disponíveis não deveriam de fato causar ansiedade, conforme padrão comum de comportamentos das pessoas, mas servir como "dicas" para emissão de comportamentos de expressão de afeto. Em nossa experiência, entretanto, temos encontrado, em proporção mínima, casos de pessoas que se sentem ansiosas em situações de expressar sentimentos.

Tabela 2  
Frequência de resposta em cada nível de incômodo nas situações apresentadas

Situações	1	2	3	4	Total
Excessivamente	4	2	13	11	30
Muito	21	6	12	13	52
Pouco	3	5	2	3	13
Muito pouco	2	1	1	2	6
Nada	0	15	2	1	18
Não responderam		1			1

O fato de as situações 1, 3 e 4 serem ansiógenas indica, por outro lado, ocasião para desenvolver repertório assertivo, pois, de acordo com a definição, não apenas a funcionalidade e adequação do padrão vocal ou não vocal, mas também a ausência ou controle da ansiedade caracterizam um comportamento como assertivo. A ausência de ansiedade foi o primeiro elemento que apareceu na definição do comportamento assertivo (Wolpe, 1976) e os dados indicam, portanto, que os estudantes da amostra não têm sido assertivos nessas situações, especificamente em relação à ansiedade.

O padrão comportamental emitido pelos Ss nas situações apresentadas e que fornece dados sobre a característica de funcionalidade e adequação do comportamento foi obtido através da análise das respostas dos Ss aos itens *c* e *d* do questionário.

As respostas dos Ss foram classificadas e avaliadas por dois pesquisadores da área em termos do grau de assertividade que representavam. O critério utilizado foi a análise do padrão comportamental descrito, ocorrência de agressividade e as prováveis conseqüências para o S e para o interlocutor. As respostas foram então organizadas em ordem alfabética, iniciando-se com aquelas consideradas mais assertivas de acordo com o critério acima. A seguir foi feita a tabulação da freqüência das respostas em cada classe.

Os dados da Tabela III mostram que, embora o padrão mais assertivo — recusar — (a, b e c) ocorra para 22% dos respondentes, o padrão específico das formas *b* e *c* não pode ser considerado assertivo porque inclui agressividade e falta com a verdade respectivamente.

Tabela 3  
Comportamentos emitidos e desejáveis e respectiva freqüência apresentados pelos Ss em relação à situação 1.

Comportamentos emitidos	freqüência
a. Recusa justificando-se pela importância e necessidade do trabalho	2
b. Recusa de forma áspera, verbalizando sobre o comportamento descuidado do outro	3
c. Recusa inventando mentira ou desculpa	3
d. Empréstimo e fica ansioso aguardando devolução	4
e. Empréstimo c/recomendações de cuidado e devol.	16
f. Empréstimo e assume o risco	2

Continua

#### Comportamentos desejáveis

a. Não emprestar justificando a import. do material	2
b. Não emprestar	5
c. Não emprestar e ficar triste por isso	3
d. Não emprestar e justificar em termos do comportamento descuidado do outro	6
e. Empréstimo c/recomendações de cuidado e devol.	7
f. Empréstimo e receber logo de volta	2
g. Empréstimo	2
Não responderam	2

O comportamento desejável considerado pelos respondentes foi o de realmente não emprestar (52%), embora o comportamento *d* ainda contenha certo grau de agressividade. O outro comportamento desejável, o de emprestar (30%), possui o item *e* (21%) uma descrição do comportamento do S, enquanto que o item *f* faz menção à conseqüência que não está sob controle direto do S.

Na situação 2 (Tabela IV), 30% dos respondentes retribuem expressão de afeto, o que pode ser considerado um índice baixo, dada a ausência de ansiedade relatada para a situação. Pode-se deduzir, portanto, que nesse caso não é a ansiedade que está funcionando como inibição do comportamento, conforme a teoria de Wolpe, mas a simples ausência de tais comportamentos no repertório dos Ss ou, ainda, a limitação da expressividade por fatores culturais, que estão em jogo.

Tabela 4  
Comportamentos emitidos e desejáveis e respectiva freqüência apresentados pelos Ss em relação à situação 2.

Comportamentos emitidos	freqüência
a. Agradecer e retribuir	3
b. Agradecer, retribuir e ficar feliz	2
c. Retribuir	4
d. Agradecer	4
e. Ficar feliz	4
f. Ficar calada	7
g. Sorrir encabulada	3
h. Não respondeu	3

Continua

Comportamentos desejáveis	
a. Retribuir expressando carinho	10
b. Agradecer e retribuir	3
c. Agradecer demonstrando ter gostado	4
d. Ficar menos encabulada	1
e. Solicitar que dirijam a outrem os elog.	2
f. Procurar melhorar o próprio comport.	3
g. Não responderam	7

Por outro lado, pode-se postular que as respostas *d*, *e*, *f* e *g* devem ter ocorrido em função do elogio descrito na situação enquanto que as respostas *a*, *b* e *c* teriam ocorrido em relação à expressão de sentimentos. Os dados disponíveis não permitem resolver a questão, mas em qualquer caso, certamente, as respostas *f* e *g* devem ser consideradas, por definição, como não assertivas.

Aproximadamente 50% dos respondentes colocaram o comportamento de retribuir como o mais desejável na situação. O padrão não verbal foi apontado no item *d*. Houve alta proporção de não respostas que pode ser explicada pela possível falta de importância atribuída à situação, uma vez que não suscitou ansiedade.

Em relação à situação 3, (Tabela V) 40% dos respondentes emitem a resposta embora 10% deles não sejam bem sucedidos, enquanto que 30% são não assertivos tanto em relação ao fator ansiedade como em relação ao padrão de comportamento exibido. O comportamento desejável assertivo (*a* e *b*), apontado por mais de 50% da amostra, inclui também a preocupação não apenas com o conteúdo vocal mas também com o comportamento não vocal. Embora não propriamente as mais assertivas as respostas *c* e *d* devem ser consideradas válidas, enquanto que a resposta *e* é agressiva.

Tabela 5

Comportamentos emitidos e desejáveis e respectiva freqüência apresentados pelos Ss em relação a situação 3

Comportamentos emitidos	freqüência
a. Falar c/ o prof. solicitando nova apreciação, pedir explicações, reclamar	10
b. Falar c/ o prof. mas ficar insatisfeito	3
c. Ficar calada	3
d. Ficar irritada e calada	6
e. Reclamar c/ colegas	2
f. Concordar c/ o prof., aceitar a avaliação	2
g. Não respondeu	4

Continua

Comportamentos desejáveis	
a. Falar c/ o prof., pedir explicações, argumentar, tentar mudar a nota	16
b. Contestar com mais "segurança"	1
c. Pedir nova oportunidade de realizar o trab.	3
d. Pedir mais compreensão nas aval. posteriores	1
e. Agredir o professor	1
f. Melhorar o desempenho nos trabalhos posteriores	3
g. Não responderam	5

A resposta *f* é bastante não assertiva quanto ao aspecto de reivindicar e defender direitos, pois pressupõe (o que a descrição da situação não indicava) uma falha de autoavaliação do próprio aluno.

A relação de comportamento emitidos para a situação 4 (Tabela VI) apresenta 60% dos respondentes apresentando respostas assertivas (*a*, *b* e *c*) e 30%, respostas não assertivas, embora não agressivas, o que provavelmente está relacionado ao fato de se tratar de uma relação com familiares, estando implícita a autoridade de pais, irmãos e outros parentes.

Tabela 6

Comportamentos emitidos e desejáveis e respectiva freqüência apresentados pelos Ss em relação a situação 4

Comportamentos emitidos	freqüência
a. Argumentar sobre as próprias razões	12
b. Ouvir e analisar o que foi dito	2
c. Fazer o que quer	4
d. Escutar revoltada mas fazer o que quer	4
e. Fingir aceitação mas fazer o que quer	2
f. Concordar e fazer de acordo com os demais	2
g. Fazer de acordo com os demais e ficar ansiosa	2
h. Não responderam	2

  

Comportamentos desejáveis	
a. Argumentar sobre as próprias razões e pedir que não interfiram	11
b. Tomar decisão sobre o que é melhor independentemente da opinião de outrem	7
c. Ouvir mais opiniões e chegar a um consenso	3
d. Agredir verbalmente para defender a própria posição	3
e. Concordar com os demais	3
f. Não responderam	3

Um aspecto interessante é que 10% dos respondentes gostariam de emitir tais respostas agressivas (*d*); outros 10%, de não ser defrontados com a necessidade de ser assertivos (*e*), e 70% gostariam de emitir respostas que podem ser consideradas assertivas.

Em relação a outras situações que causam ansiedade, a Tabela VII mostra um rol de 10 situações, com freqüência de 3 ou mais ocorrências, onde se observa que as restrições familiares são as mais ansiógenas para os respondentes. As demais situações parecem também características da amostra, uma vez que se trata de jovens entre 18 e 25 anos, iniciando um curso universitário e, portanto, com alguma expectativa de experiências como (*c*, *e*, *f*, *g*, *h*) em relação ao curso e quanto ao relacionamento interpessoal (*b* e *i*).

Tabela 7  
Lista de situações ansiógenas e respectiva freqüência de ocorrência

Situações	Freqüência
a. Restrições de horário para chegar em casa e de escolha de amigos pelos pais	8
b. Ser agredida verbalmente (ficar calada)	6
c. Fazer trabalhos em equipe	5
d. Enfrentar oposição e discordância	4
e. Ser questionado em público	4
f. Falar em público	4
g. Ser solicitado a justificar o próprio comportamento	3
h. Falar com pessoas de que não gosta	3
i. Ciúme do namorado	3
j. Enfrentar entrevistas (solicitação de emprego, avaliação etc.)	3

#### 4. Discussão

Os dados sugerem que a caracterização de comportamento assertivo inclui realmente aspectos operantes, no sentido de comportamentos vocais e não vocais funcionais, e aspectos respondentes, no sentido de ausência da ansiedade. Adicionalmente, ou paralelamente, deveria incluir também aspectos de análise, pelo próprio S, de controles ambientais sobre seus comportamentos e a identificação e descrição desses comportamentos. A análise das respostas dos Ss mostra que nesse aspecto houve de fato *déficits* acentuados.

O conteúdo específico e a topografia da resposta, que poderiam caracterizar uma diferenciação entre resposta assertiva e agressiva, apesar das limitações do

instrumento, foram obtidos em algumas delas (como na análise da Tabela III). Os casos em que a resposta agressiva foi considerada desejável sugerem desconhecimento da alternativa na defesa dos próprios direitos.

De um modo geral, o padrão desejável considerado pelos respondentes tende para respostas assertivas enquanto que o padrão emitido apresenta uma amostra de estudantes de Psicologia com aproximadamente 50% de Ss não assertivos. Se, de fato, o Curso de Psicologia desenvolve comportamentos assertivos, é possível esperar que ocorra uma mudança no repertório dos Ss. Daí seria interessante obter tais dados (mudança comportamental ocorrida e as quais as variáveis os Ss atribuem tal mudança), dentro de aproximadamente quatro anos. Se o Curso não atua no sentido de prover repertório assertivo, as situações que o aluno deve vivenciar a partir do estágio supervisionado justificariam um programa a ser desenvolvido durante o Curso (Del Prette, 1978).

Um outro aspecto a ser realçado é o social e cultural. Uma "cópia" dos treinamentos assertivos realizados na sociedade americana seria totalmente injustificável com a nossa população. Como, por exemplo, em muitos programas de Treinamento Assertivo os autores americanos enfatizam a aprendizagem de reclamar quando alguém toma a frente em uma fila, não obedecendo à ordem de chegada. Isso não faria sentido em nossa sociedade onde os transportes não são suficientes para todos. O exercício de direitos seria na direção de reivindicar melhores meios de transporte. Dessa forma, qualquer programa de assertividade deve ter como base, principalmente, a pesquisa das necessidades da população a que se destina.

De certa forma, pesquisa sobre repertório comportamental do aluno leva sempre a uma antiga, mas atual e incômoda questão, que é sobre o tipo de profissional em Psicologia que se pretende formar. O conhecimento das necessidades da sociedade e do repertório comportamental de entrada dos estudantes poderia levar a se repensar os objetivos dos Cursos de Psicologia, planejando-os em uma determinada direção.

Nesse sentido a pesquisa sobre o repertório de comportamento assertivo do aluno deve ser entendida apenas como um ensaio exploratório. Em sentido mais restrito, os objetivos da sondagem foram alcançados, uma vez que permitiu uma análise do repertório assertivo de alunos iniciantes no Curso de Psicologia e, além disso, foi possível o aprimoramento de um instrumento de sondagem, que poderá ser útil no uso de *assessment* ou em pesquisa.

#### 6 Referências Bibliográficas

- BATES, H. D. & ZIMMERMAN, S. Toward the Development of a Screening Scale for Assertive Training. *Psychological Reports*, 28: 99-107, 1974.
- DEL PRETTE, A. O Treino Assertivo na formação do Psicólogo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*. F.G.V. 30, (1, 2) 1978.
- EISLER, R.M. et alii. Effects of Modeling on Components of Assertive Behavior. *Journal Behavior Therapy & Experimental Psychiatrie*, 4:1-6, 1976.
- , et alii. Development of Assertive Responses: Clinical, Measurement and Research Considerations. *Journal Behavior Research & Therapy*, 11: 505-521, 1973.

- GALASSI, J.P. & GALASSI, M. Validity of a Measure of Assertiveness. *Journal of Counseling Psychology*. 21, (3): 248-250, 1974.
- GAMBRILL, E. & RICKEY, C.A. An Assertion Inventory for Use in Assessment and Research. *Journal Behavior Therapy*. 6: 550-561, 1975.
- HERSEN, M. et alii. Effects of Practice, Instructions, and Modeling on Components of Assertive Behavior. *Journal Behavior Research & Therapy*. 11: 443-451, 1973.
- LAZARUS, A.A. *Psicoterapia Personalista*. Belo Horizonte, Interlivros, 1977.
- LAW, H.G. & WILSON, E. A Principal Components Analysis of the Rathus Assertiveness Schedule. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, Vol. 47, (3): 631-633, 1979.
- MCFALL, R.M. Behavior Training: A Skill Acquisition Approach to Clinical Problems. In: — SPENCE, J.T. et alii (Eds). *Behavior Approach to Therapy*. Moristow General Learning, Press, 1976.
- NEVID, J. & RATHUS, S.A. Factor Analysis of the Rathus Assertiveness Schedule with a College Population. *Journal Behavior Therapy & Experimental Psychiatrie*. 10(1): 21-24, 1979.
- SERBER, M. Teaching the Nonverbal Components of Assertive Training. *Journal Behavior Therapy & Experimental Psychiatrie*, 3: 179-183, 1972.
- WOLPE, J. *A Prática da Terapia Comportamental*. São Paulo, Brasiliense. 1976.